HOMOSSEXUALIDADE E VIDA NA ESCOLA

Jornal construído como requisito parcial para a conclusão da pós-graduação em Educação do Campo, em 2016, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná por Edenilson Prestes Mendes.

EDITORIAL

Este trabalho tem por objetivo a produção de um material pedagógico que sirva de suporte ao estudo e debate sobre homossexualidade na escola, bem como apresentar algumas indicações metodológicas para a prática docente dos educadores e educadoras da Educação Básica.

A sistematização desse material visa contribuir com a ampliação do conhecimento sobre as diferentes orientações de gênero sexual e identidade de gênero na escola, por dois motivos: 1) por fazer parte da minha realidade como pesquisador, nasci e vivi muitos anos no campo, sendo homossexual sofri muito com a discriminação na escola e, sempre que havia conflitos referentes a este assunto não era debatido, era silenciado ou motivo de piadas, ou seja a homossexualidade durante o período de minha vida escolar nunca foi um tema de estudo; 2) pela necessidade de superar o tabu referente à homossexualidade, na sociedade, pois, ao trabalhar este assunto na escola , faz-se necessário que os educadores tenham o conhecimento do mesmo e também superem seus preconceitos; 3) pela carência de materiais pedagógicos acessíveis aos educadores sobre a homossexualidade.

De modo geral, o trabalho busca contribuir com as discussões acerca das sexualidades no currículo da escola, trazendo indicações de como se pode traduzir, na prática pedagógica, o trabalho com esse tema.

A construção e elaboração desse material, percorreu três caminhos: pesquisa bibliográfica; pesquisas de materiais pedagógicos (filmes, sites); sistematização do material com sugestões metodológicas.

A pesquisa bibliografia teve dois focos: primeiro de compreender a homossexualidade no campo, o espaço em que sempre vivi e pude relacionar com a vivência na condição de homossexual no campo; segundo foco foi da busca de um arcabouço teórico com a leitura e sistematização dos conceitos que envolvem a temática desse trabalho, desde a leitura dos seguintes autores Mott (2003), Nunes (2005), Maistro (2006), Correa (2008), Queen(2013); Sousa (2014).

Em relação ao levantamento de materiais (filmes, curta metragem e sites), foi realizada por meio da pesquisa eletrônica, com consultas aos sites, identificando possíveis filmes que possam servir de aporte à prática docente, ou para quem possa se interessar pelo tema. A sistematização do material, envolveu um processo de compreensão das categorias, análise e reflexão de possíveis metodologias, relacionando com o conjunto de fundamentos que perpassa a prática docente. A partir desse estudo, propusemos um material com um conjunto de informações, que poderiam ser organizadas em folder, livretos e outros, para a abordagem sobre homossexualidade na escola, com foco em conceitos que consideramos importante serem trabalhados na vida escolar, conceitos esses que não devem ser silenciados ou omitidos, que compõem atualmente o conjunto de conhecimentos no campo da sexualidade.

Num primeiro momento apresentamos depoimentos de pessoas que vivem o preconceito em relação à diversidade sexual. Indicamos o significado das cores da bandeira LGBT. Em seguida, discutimos questões sobre a "homossexualidade na escola", apresentamos argumentações sobre a importância do debate na escola, bem como trazemos sugestões de metodologias para o trabalho com essa temática, que não deve ser um debate só com alunos, mas também com os pais das comunidades camponesas. A seguir, tratamos da questão específica sobre "Homofobia no campo e o ser gay nesse espaço", trazendo uma reflexão acerca da homossexualidade no campo, espaço marcado por relações sociais e padrões machistas e sexista e conhecimentos religiosos que abominam e condenam a homossexualidade e a partir dessa análise se apresento minha trajetória de vida, relacionando as marcas profundas de viver rejeição, confusão de identidade, que explicita a necessidade de espaços de formação para superação da homofobia no campo. Para continuar trazemos "Verbetes da Diversidade Sexual", apresentando um conjunto de treze verbetes com o seu significado, sendo os seguintes selecionados: Sexualidadade, Gênero, Homossexualidade, Gay, Lésbica, Bissexual, Travesti, Transexual, Transgênero, Dreq Queen, Feminismo, Machismo e Homofobia.

E na última parte, intitulada "Indicação de filmes, curta metragem e sites", como o próprio titulo expressa, apresentamos um conjunto de filmes, curta metragem e sites com informações que o professor possa acessar.

FAMÍLIAS DIFERENTES: COMO SE SENTEM OS PAIS E AS MÃES DE HOMOSSEXUAIS

Descreva como você se sente com a homossexualidade de seu filho (a)?

Mariana e Daiane

Somos Mariana e Daiane, somos casadas e mães do Pedro de 1 ano e 7 meses. O Pedro é fruto de uma fertilização in vitro (FIV) e veio para trazer mais felicidade e amor à nossa relação. Nós moramos no assentamento 25 de julho no município de Catanduvas-SC, fomos assentadas em 2013, e somos o primeiro casal homoafetivo a ter o contrato do INCRA no estado. No assentamento fomos bem recebidas por todas as famílias e nunca passamos por nenhuma situação de discriminação por nossa sexualidade. Na convivência no município procuramos sempre expor nossa condição de família e somos sempre respeitadas. Conseguimos registrar nosso filho com dupla maternidade e mostramos no dia a dia que somos apenas uma família, como qualquer outra, que se ama muito.

Lucimar Ramires Calaça

Quando eu soube sobre a homossexualidade de minha filha, fiquei feliz pelo fato dela ter me contado, é muito desagradável para os pais saberem das coisas que está acontecendo com seus filhos por terceiros. Percebi que para ela contar foi mais difícil do que para eu saber da notícia. Uma coisa é você achar normal na família alheia, quando você está na situação é diferente, pois aparecem muitas preocupações. No momento procurei me expressar da forma mais tranquila possível, como se fosse um fato cotidiano da adolescência, mas não era. Mas dei meu apoio na sua atitude de assumir sua identidade.

A minha preocupação foi e é a discriminação da sociedade e dos próprios familiares, pois ela sofreu, sofre e sofrerá preconceitos. A sociedade não está preparada para aceitar as diferenças que fogem dos padrões estabelecidos, mesmo com os avanços que já se teve em relação à homossexualidade, e por ela ser tão jovem e inexperiente com as respostas a serem dadas diante dos preconceitos tive essas preocupações.

Sempre procurei orientá-la, desde o início, primeiro para ela cuidar com as exposições, para ela ter certeza se era isso mesmo, pois ela é jovem e estava e está numa fase de experimentação e independente da escolha sempre ter respeito com o corpo dela, com a saúde em primeiro lugar, o cuidado com as atitudes para não ser julgada e sofrer com os preconceitos. Penso que a sociedade não precisa ficar sabendo tudo o que fazemos, vestimos ou comemos.

Um dos nossos conflitos de ideias foi a exposição desnecessária da vida pessoal dela no faceboock, penso assim porque sou uma pessoa antiga e não me atualizei na tecnologia em tempos tão modernos, não tenho Face e nem Wat Zap, não gosto de apresentar minha vida pessoal e a orientei para ter cuidado com isso.

Outro fato difícil na nossa convivência foram os namoros dela e em algumas situações as mentiras. Teve um período que ela era muito namoradeira, agora está mais fixo o namoro atual, pois sempre a orientei a primar pelo estudo em primeiro lugar, pois para namorar temos a vida toda e isso não é prioridade na vida, principalmente para uma jovem que tem apenas o Ensino Médio, no caso dela. Percebi que os namoros dela tiravam o foco dos estudos e das atividades cotidianas “ficava no mundo dos corações e do zap”. De tanto eu ser persistente e chata percebi que está mais focada nos estudos, assim fico feliz por ela. Sempre falo a ela que para viver nesta sociedade excludente precisamos ter conhecimento e só com estudo é que adquirimos, não pelas emoções e paixões, pois estas temos durante a vida. O tempo de estudar não pode ser atrapalhado em função das emoções. Essas cobranças ocasionaram alguns atritos no nosso cotidiano, pois ela é uma pessoa muito emotiva, quer ouvir conselhos relacionados a questões afetivas, a realidade não é isso a vida real não é emoção e razão.

Algo que para mim é estranho e ainda não me acostumei é com a mudança de visual. No meu pensar isso não seria necessário, achava ela mais bonita antes, e já disse isso para ela, no entanto acredito que ela tem que se vestir como se sentir bem, ter o cabelo como achar mais agradável para seu visual atual. Falo que ela não nasceu homem, ela nasceu mulher e independente do assumir-se como homossexual, para mim fisicamente ela sempre será uma mulher não a vejo como um menino, mas as pessoas já a identificam como um menino.

Enfim, o que mais quero para ela é que seja feliz, que estude, sei que não foi uma escolha ser homossexual e o mais importante é assumir-se e enfrentar os preconceitos , e com o conhecimento que o estudo pode nos possibilitar, lutar por direitos.

Meu nome é Armelindo Rosa da Maia, sou casado tenho três filhas, moro no assentamento Valmir mota de Oliveira. Cascavel PR

Sobre minha opinião em relação à diversidade sexual, eu fui educado da mesma forma que toda nossa geração, para ser heterossexual (homem-Mulher).

Porém, o nosso movimento sempre orientou a respeitar a orientação sexual de cada ser. Confesso que sempre tive uma boa aceitação, não via "problemas", pensava assim: Cada um sabe o que quer.

Aprendi a respeitar e admirar militantes homossexuais assumidos, que conquistaram essa admiração pelos seus trabalhos no movimento (poderia citar muitos). Mas, quando eu soube que minha filha, e soube através dela, queria namorar outra menina, confesso que fiquei desconfortável! Passou pela minha cabeça uma série de pensamentos intrigantes (bons e ruins) ... alguns instantes angustiantes.... Reli a mensagem várias vezes, e com água nos olhos respondi: Minha neguinha, eu te amo em qualquer circunstância! E ainda escrevi: Depois conversamos!

De fato, conversamos e ela reafirmou de maneira segura sua orientação sexual, então passei a aceitar e respeitar de maneira fraterna. Sei que é uma questão de fórum íntimo de cada um.

O que importa pra mim, é que ela é minha filha. E para o Movimento o que importa é sua inserção e militância... É sua pertença ao MST - e sua convicção na luta!

Assim penso também sobre todos os homoafetivos... O que importa é que somos irmãos (as), companheiros (as) e temos uma causa para lutar e uma sociedade para construir, onde, como disse Rosa Luxemburgo: "Uma sociedade onde sejamos SOCIALMENTE iguais, HUMANAMENTE diferentes e TOTALMENTE livres".

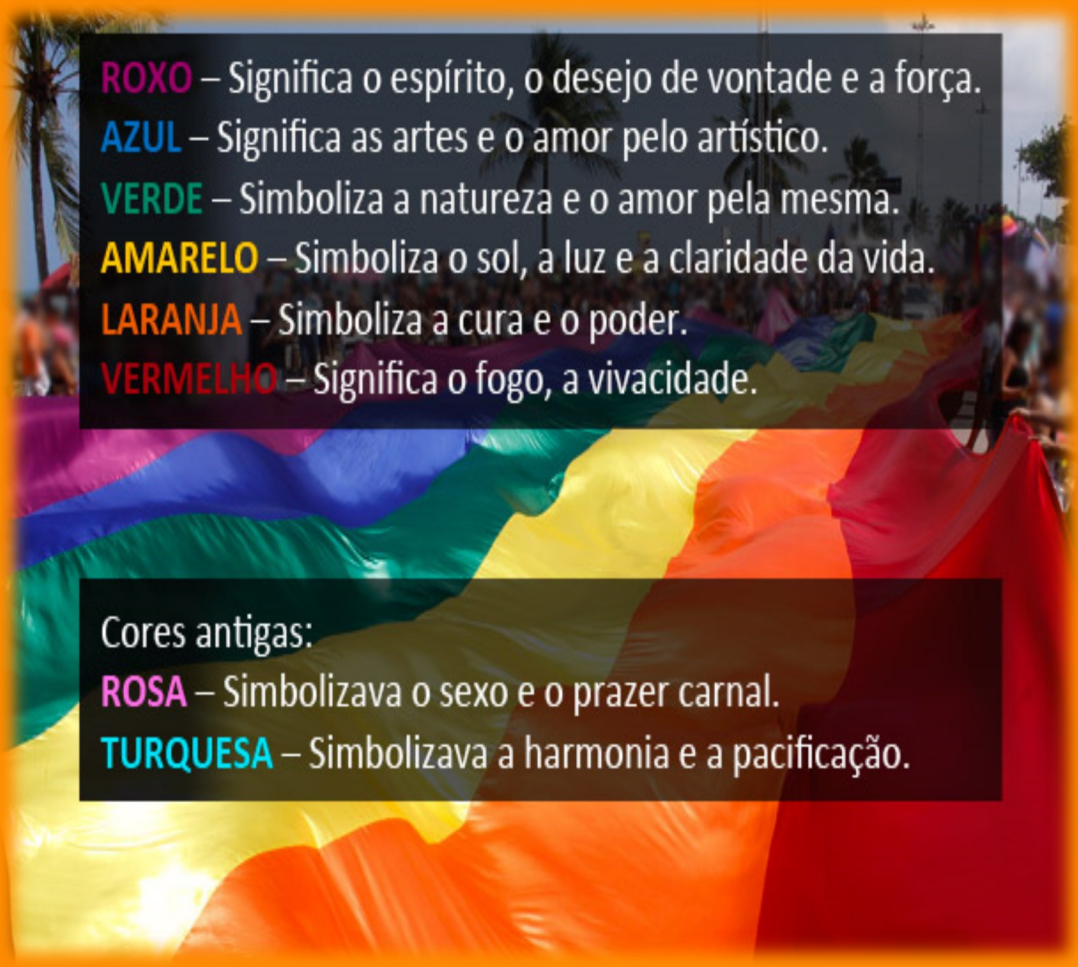
Conheça o significado das cores da bandeira LGBT

A Bandeira arco-íris é uma bandeira composta por barras horizontais que representam as diferentes cores do arco-íris.

Existem várias versões, com pequenas variações das cores, número e disposição das barras. É impossível determinar a sua versão original, já que o seu uso acontece desde muito tempo e em diferentes partes do mundo.

Durante a Guerra dos Camponeses, no século XVI na Alemanha, foi usada como sinal de esperança na nova era. Thomas Muentzer, sacerdote que apelou à revolta dos camponeses, é muitas vezes retratado segurando uma bandeira arco-íris.

Projetado pelo artista Gilbert Baker, de São Francisco, em 1978, inicialmente a bandeira passou por várias revisões e, em seguida, voltou a adicionar cores devido aos tecidos amplamente disponíveis. Desde 2008, a variante mais comum é composta por seis faixas, com as cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta. A bandeira é comumente hasteada horizontalmente, com a faixa vermelha no topo, como seria em um arco-íris natural.



Infância

Meu nome é Edenilson Prestes, nasci no dia 18 de abril do ano de 1982, sou filho de pequenos agricultores, minha mãe e meu pai nasceram e viveram da agricultura.

Da minha infância só tenho algumas vagas lembranças. Lembro de quando criança, andava no lavrado, correndo, brincando, sentindo o cheiro da terra lavrada, úmida e macia.

Outra lembrança que tenho é que meu pai ia lavrar e me levava junto e eu ia sentado no arado, logo atrás dos bois. Tenho essa lembrança reavivada toda vez que chove e molha a poeira e vem aquele aroma de terra molhada, automaticamente me leva de volta ao meu passado.

Lembro-me de quando ia à escola no primário, na Fazenda Velha, interior de Nova Laranjeiras, isso por volta de 1987. Lembro que toda vez que eu voltava da escola e chegava em casa, minha mãe fritava salame e me dava para comer com pão e café preto. Chegava, sentava e ela colocava o prato no meu colo, no chão mesmo da cozinha e eu comia, depois ia brincar. A escola, lembro como se fosse hoje, era multisseriada. A professora trabalhava com os estudantes do primeiro, segundo e terceiro anos, todos na mesma sala. Ela também fazia o lanche para nós e nós todos ajudávamos na limpeza da sala.

Depois, fomos morar no Paraguai, em 1988. Naquele período, fiquei uns 2 anos sem estudar, depois comecei a estudar na escola dos paraguaios. Lembro da professora Norma Estela Rolon e do professor Agapito. Eram tempos difíceis, pois se um brasileiro respondesse ou brigasse em sala de aula, todos os brasileiros eram castigados, ficando ajoelhados ao redor da sala em cima de grãos de milho, ou ajoelhados em cima de tampas de garrafa, ou de joelhos no pé do mastro da bandeira em frente à escola. Quando um brasileiro brigava com um paraguaio, o professor tirava a camiseta e batia com uma vara fina. Quando tinha revista de higiene, caso as orelhas ou unhas não estivessem limpas, o professor mandava colocarmos os dedos para cima e dava uma reguada na ponta dos mesmos. Se tirássemos, ganhávamos mais duas, a régua era de madeira de um metro e pouco de comprimento.

Para chegarmos à escola, tínhamos que caminhar por cerca de 3 km a pé. Nesse trajeto, às vezes pegávamos carona de caminhão, carro, moto etc ou íamos e voltávamos a pé. Tinha os atalhos pelas terras dos sitiantes ou fazendeiros. No verão sempre íamos pelos atalhos para tomar banho nos açudes. Naquele momento, eu já me sentia atraído pelos meninos e não pelas meninas.

A localidade onde morávamos era chamada de lote 8 que era divisa com lote 9, pertencia ao município de Limuí, divisa com gleba seis. No lote 9 tinha uma família grande de mineiros, na verdade eram cinco casas da mesma família. Eles moravam pertinho um do outro e tralhavam todos juntos. Tinham um lambique de menta, cultivavam a menta, plantavam arroz. Faziam mutirões. Eram nossos vizinhos e sempre almoçávamos juntos, fazíamos pamonhas, polvilho, biscoitos etc.

Minha família cultivava, algodão, era muito algodão e tudo era colhido manualmente. O meu pai tinha uns 5 peões que ajudavam a catar algodão. Nós também ajudávamos, porém éramos crianças, então, pouco ajudávamos. Moramos até 1994 naquele local. Minha mãe estava grávida e viemos ao Brasil passear, depois de muito tempo longe dos parentes. Minha minha irmã já havia nascido, estava com poucos meses. Ficamos 2 meses passeando em Laranjeiras do Sul, Porto Santana, Porto Barreiro, nas casas de tios e tias. Como foi bom um mês de convivência com primos que eu nem sabia que existiam, depois de um mês voltamos para o Paraguai, onde logo fomos nos organizando para voltar a morar no Brasil.

No meio do ano de 1994, voltamos com minha família a morar no Brasil, já que meu pai tinha uma amante e tinha abandonado eu, meu irmão e minha mãe que estava com a minha irmã bem novinha, com 4 ou 5 meses. Quem atendeu e deu suporte para minha mãe foi a família de mineiros que morava pertinho, desde me levar ao médico, pois sempre fui uma criança de saúde frágil, tinha míngua, amarelão. Essa família acompanhou-nos até a rodoviária de Foz do Iguaçu para conseguir voltar para o Brasil. Depois de 20 dias que estávamos aqui, meu pai veio atrás e minha mãe o aceitou de volta. Meu irmão estava doente e minha mãe tinha medo de passarmos necessidade.

Foi muito triste deixar meus amigos lá, muito longe, porém nossa vida nos leva a muitos lugares que jamais imaginamos ir. Chegando ao Brasil, novamente fomos morar em Laranjeiras do Sul e tive bastante dificuldade de acompanhar os estudos por causa da línnga, pois falava portunhol, não compreendia muitas coisas. As outras crianças me chamavam de paraguaizinho. Tive que recomeçar a fazer amizades, pois estávamos morando na cidade pela primeira vez. Sentia-me diferente dos outros meninos, gostava mais de brincar com as meninas, identificava-me mais com elas. Eu devia ter uns 13 a 14 anos. Minha tia me encaminhou para estudar no CEBEJA à noite. Minha mãe não queria, porém eu era o único aluno grande na sala junto com os pequenos, assim acabou concordando. Em 6 meses fui para a quinta série.

Em agosto de 1998 fomos morar em Rio Bonito do Iguaçu, no assentamento Marcos Freire, na comunidade do Paraíso. Era só mato e para chegar onde morávamos só tinha um carreiro. Naquele período comecei a estudar na Vila Velha, no Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, no Projeto da correção de fluxo, assim, em um ano fui para a oitava série que cursei no ensino regular. O colégio ficava a quatro quilômetros de distância da minha casa. Mitas vezes eu e meus colegas íamos a pé para o colégio, porque não tinha transporte quando chovia.

HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA

A escola muitas vezes não é vista como um lugar onde a sexualidade seja, ou deva ser revelada ou discutida. Mas em seu aparente silêncio, em verdade, ela fala o tempo todo sobre sexualidade. "O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios, os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala silenciosamente da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças". (Foucault, 1999, p.140)

De acordo com Correa (2008) é inegável a importância do estudo sobre sexualidade na vida dos seres humanos, pois ela é experimentada ou revelada em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Abrange, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É uma das dimensões do ser humano que abarca gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução, ou seja, um tema amplo, que necessita conhecimento por parte da comunidade escolar.

Dessa forma consideramos importante discutir a sexualidade com as crianças, adolescentes e jovens nas escolas, buscando não só compreender os aspectos biológicos da sexualidade, mas aspectos humanos, sociais e culturais, pois a sexualidade conforme Correa (2008) se faz presente em todas as etapas de nosso desenvolvimento como ser humano e à medida em que passamos a refletir sobre ela e a conhecermos melhor, isso nos proporciona acréscimos de autoconfiança e auto-estima melhorando a qualidade de vida e de relacionamento interpessoal.

Mas é importante perceber que a questão não está em somente discutir a sexualidade na escola, mas também proporcionar novas práticas, pois também é preciso perceber como a escola tem tratado essa dimensão, sempre pelo aspecto moral, separando meninos e meninas, reproduzindo o machismo na sociedadede. Dessa forma é necessário refletir como a escola tem produzido, reafirmado essas práticas, para podermos repensar novas formas de intencionalizar a educação dos sujeitos na vida escolar.

Sendo assim, a sexualidade se manifesta diariamente em momentos aparentes e outros não; por isso é necessário falar deste assunto como qualquer outro, apesar de sabermos dos limites e das possibilidades que se encontram no âmbito escolar. Maistro (2006) afirma que os limites se tornam ainda maiores quando o tema central das discussões é a homossexualidade, que apesar de tantos avanços na educação ao se discutir assuntos relacionados à sexualidade o mais abertamente possível, mas quando se trata da homossexualidade, muitos educadores se sentem inseguros e sem embasamento teórico. O que se percebe é que além de conhecimentos, faltam estratégias específicas que os induzam a uma tarefa que promova um desenvolvimento efetivo de uma educação sexual.

Segundo Queen (2013), a homossexualidade é uma das principais causas de bullying nas escolas. Sem ter referências sociais e culturais para debater a respeito da identidade de gênero e da orientação sexual, os jovens acabam referino-se com ironia e preconceito aos gays dentro e fora da escola.

De acordo com a pesquisa juventude e sexualidade publicada pela UNESCO, em 2004 e aplicada em 241 escolas públicas e privadas do Brasil, 39,6% dos meninos não gostariam de ter um colega de classe homossexual. Dados compilados pelo Grupo Gay da Bahia, indicam que o Brasil teve cerca de 200 assassinatos relacionados à homofobia em 2009. O número é 4,5% maior do que o de 2008, quando o país teve 189 homicídios de homossexuais. (QUEEN, 2013)

Estas pesquisas demonstram, de acordo com Queen(2013), que a escola tem sido um ambiente homofóbico e nada acolhedor para alunos homossexuais, eles são ignorados ou impedidos de participar de atividades em grupo, seus objetos são furtados, são alvos de piadinhas e xingamentos, ora são agredidos fisicamente das mais variadas formas.

Sabemos que a escola não é capaz de combater o preconceito contra gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis sozinha. Mas, segundo o estudo "Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil", da Fundação Perseu Abramo, o ambiente escolar é o melhor lugar para por fim à homofobia. Os resultados da pesquisa mostram que, enquanto metade dos brasileiros que nunca frequentou a escola assume comportamentos homofóbicos, apenas um em cada dez brasileiros que cursaram o ensino superior apresentam o mesmo comportamento.

Além disso, a homofobia manifestada na forma de bullying nas escolas faz com que alunos desistam dos estudos. Além de instigar o respeito e tolerância entre os alunos, falar sobre o assunto é uma forma de garantir a permanência e o acesso à Educação - como previsto na lei - a realmente todos os cidadãos. A Secretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos da Presidência divulgou em 2013, que 10% da população brasileira é gay. "À escola cabe mostrar que essa variabilidade do desejo sexual existe na sociedade como um todo e que é preciso aprender a respeitar isso", fala de Lula Ramires, mestre em Educação pela USP e coordenador do Corsa (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor de defesa dos direitos LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis *apud* QUEEN, 2013).

Dessa forma, apresentamos um conjunto de sugestões de como abordar essa temática na escola.

Essa abordagem da sexualidade deve ser feita de forma didática e pedagógica, afinal a lida com temas como a homossexualidade que ainda é um tabu, exige a utilização de muita informação e conhecimento, trazendo a dimensão do debate biológico e psicológico, mas também os aspectos sociais que a envolvem, relacionando a sexualidade, como parte da vida, sempre aproximando o tema dos direitos e deveres e do respeito à diversidade humana e também tendo por base as perguntas e curiosidades dos alunos.

É importante trazer o aspecto geral da sexualidade, da mesma forma que existem pessoas que sentem desejo pelo sexo oposto (heterossexuais), existem outras que sentem isso pelo mesmo sexo (homossexuais). Fazer essa relação é parte do trabalho do professor que decide abordar a temática sexual de forma didática na sala de aula. Além disso, ressaltar que o desejo pelo mesmo sexo não é uma vergonha, crime ou doença. É algo que deve ser debatido não só com os alunos, mas também com os pais, especialmente nas escolas do campo que precisam contribuir com a disseminação desse debate.

Segundo pesquisadores (QUEEN, 2013), não existe uma idade ideal. Na infância, assuntos como sexo e orientação sexual precisam ser tratados com muita sutileza, mas sem menosprezar a inteligência dos pequenos. Já na adolescência, quando rapazes e garotas estão experimentando transformações corporais, é um dever da família e da escola abordar esse tipo tema com naturalidade, de forma arejada, plural, indicando todas as possibilidades de escolha sexual sem valorizar nem recriminar nenhuma delas.

Outra temática a relacionar são os princípios da dignidade humana, da liberdade e da igualdade, a sala de aula se tornará naturalmente um campo fértil para boas práticas pedagógicas sobre tema. É importante passar informações científicas e propiciar o debate de temas pertinentes à idade de cada turma, tentando aplacar as angústias dos adolescentes em relação ao assunto.

Reprimir os comentários preconceituosos entre os alunos, acolher e fortalecer os jovens que se isolam do grupo por ter comportamento diferente e promover um debate franco sobre a necessidade de respeitar as diferentes orientações sexuais, incentivar os estudantes que exponham suas opiniões, mas também problematizar as opiniões preconceituosas, para isso usar filmes, textos que possam introduzir reflexões.

Fazer uns combinados " normas" com a turma para garantir que tudo o que for discutido não seja usado em comentários maldosos nos corredores, nem para julgar os colegas, mas principalmente criar

um ambiente fértil para o debate, maduro.

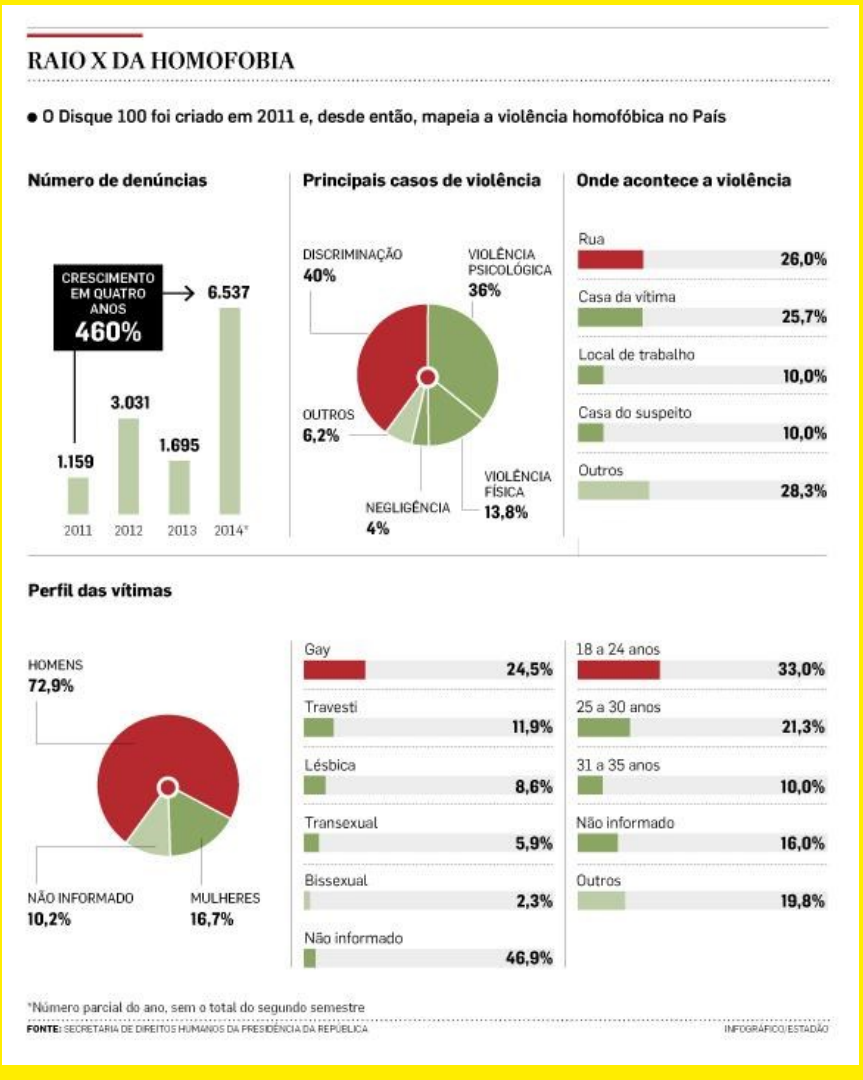
Convidar os pais, sempre que possível, a participar de um bate-papo sobre homofobia e diversidade sexual em sala de aula com os estudantes, principalmente no campo. A escola deve organizar espaços para os pais participarem de momentos de debates e reflexões a cerca do tema.

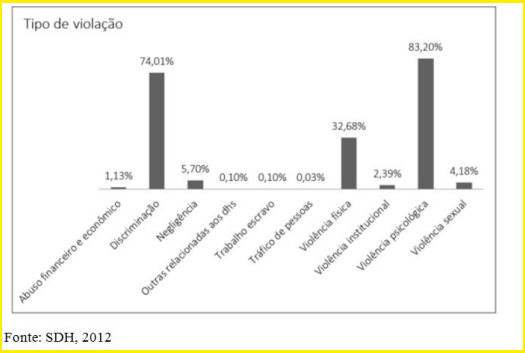
Esses conjunto de sugestões, precisa estar sintonizado com o planejamento docente, além de que, precisa ser um trabalho contínuo de muito diálogo e cuidado para não incentivar possíveis preconceitos, pois, abordar o tema homossexualidade nas escolas, implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas. Não se trata apenas de palestras, semanas especiais, de cartazes pregados nos murais, mas sim de um canal permanentemente aberto para que as questões sobre a sexualidade possam ser discutidas com as crianças e adolescentes, de maneira séria, clara e ampla.

Segundo Correa (2008), nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, o estudo da sexualidade do aluno, está inserido no conteúdo estruturante Corpo Humano e Saúde e deve permitir que ele promova o conhecimento científico para além do senso comum e que ele conheça e compreenda seu corpo, revendo suas atitudes e seu comportamento em relação à sociedade e à comunidade em que está inserido.

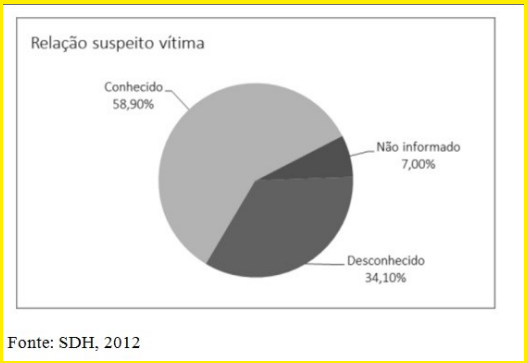
É fundamental que a escola possa ajudar na formação da identidade e possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, porque todo mundo sabe que a sexualidade é fator essencial na questão da identidade: o "ser menino" ou o "ser menina", o que é ser homem ou mulher, os comportamentos e ações de cada gênero. Essas são as primeiras questões que aparecem para as crianças na escola e têm a ver com essa identidade básica com a formação de sua personalidade. É importante trabalhar com um conceito amplo de relações de gênero, que mostre que há infinitas formas de ser homem e de ser mulher e de expressar isso. (EGYPTO. 2003)

VIOLÊNCIA EM HOMOSSEXUAIS

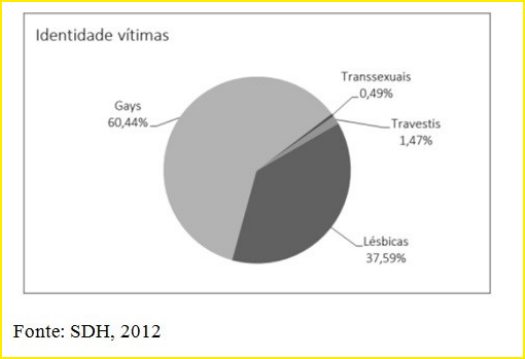




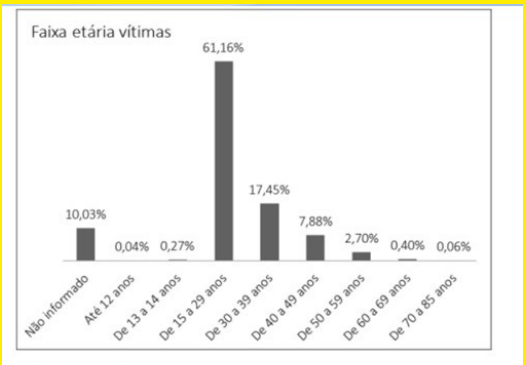
Fonte: SDH, 2012



Fonte: SDH, 2012



Fonte: SDH, 2012



Fonte: SDH, 2012

Depoimentos de pessoas que sofreram preconceito.

Homossexualidade e preconceito

Bom no início foi tudo difícil na escola, eu gostava de um menino, minhas amigas sabiam, mas minha mãe ainda não, um obstáculo para mim. Aproveitei que minha madrasta era minha amiga e também sabia de tudo, pedi ajuda. Ela me deu a ideia de sentar com minha mãe e conversar, foi o que fiz. Quando expliquei para minha mãe toda situação, ela simplesmente me olhou no fundo dos meus olhos, deu um sorriso e me disse: " Seja o que você quiser, independentemente da tua opção sexual, eu amo você do mesmo jeito, pois você é meu filho e jamais vou te abandonar ". Um bom passo para um iniciante, porém tinha medo do que eu ia sofrer na sociedade. E foi o que aconteceu. Na escola sofria de piadas e bulling, fui apedrejada por 4 turmas de oitava série e, mesmo assim, continuei na mesma. Na rua era pior, davam risadas, olhavam de canto, etc. Resolvi começar a modelar e modificar meu corpo com hormônios, academia, regimes. Na busca de um corpo feminino e perfeito. Hoje em dia, minha família sabe o que sou, aceitam-me sem exceções, quem me conhecia antigamente, não me conhece mais, pois mudei muito. Sou massoterapeuta, tenho 19 anos e sou reconhecida na sociedade como mulher, tenho o corpo que sempre quis e sou chamada por Bruna Adriany de Freitas Gerhardt. Sou feliz assim, minha cirurgia de troca de sexo logo, logo farei. Tenho uma vida normal, sou casada, pretendo adotar meus filhos, meu marido me ama do jeito que sou, minha família também.

Izabel

Tenho 18 anos, moro no assentamento Valmir mota de Oliveira, em Cascavel PR. Quando informei a minha família sobre a minha opção sexual, sofri muito preconceito, pois falavam que era só uma moda, ou uma fase, mas sofri mais com meus pais. Mesmo com o passar dos anos, eles não mudaram sua forma de pensar e suas opiniões.

Perante a sociedade sofri também muito preconceito, pois me olhavam e olham de olhos tortos, porque além de ser lésbica sou transexual. Já tive também apelidos ignorantes como por exemplo: "moleque de teta", que vieram de colegas da minha própria escola.

Mas com tudo isso, perante todos os preconceitos já vividos e por minha família não me apoiar muito, sigo de cabeça erguida para mostrar para as pessoas que gay, lésbica, bissexual e transexual também têm seus direitos de expressar o que sentem e pensam. E que não importa a cor, raça, religião e a opção sexual, todos nós somos iguais, ninguém é melhor que ninguém.

Eu namoro uma menina que se chama Indianara, logo no começo de nosso namoro foi muito difícil encarar o preconceito das pessoas, pois falavam e falam que só queríamos aparecer.

A minha família não aceita meu namoro com ela, principalmente a minha mãe.

Aqui na escola do assentamento jamais fui tratada diferente dos outros alunos, sempre me trataram bem e com respeito.

Minha convivência no assentamento é tranquila, só algumas pessoas, logo que vim morar aqui, me olhavam diferente, mas nunca me faltaram com respeito.

Indianara

Tenho 19 anos. Isso é um assunto muito complicado e delicado para eu falar, pois faz pouco tempo que assumi estar gostando e namorando uma menina. Sempre fui uma guria que se interessou por meninos, minhas amizades sempre foram mais com meninos, e eu sempre fui de um ciclo de amizade grande, onde se tem sempre uma diversidade, seja ela étnica, cultural ou sexual, mas nunca olhei uma guria com outro olhar, a não ser o de amiga mesmo. Quando eu ficava com meninos, algumas garotas já deram em cima de mim, eu não gostava da ideia, mas não tinha preconceito com nenhum homossexual, mas tinha certo anseio quando uma guria chegava a dar em cima de mim, mas apesar disso nunca faltei com respeito com nenhuma delas. Até há pouco tempo atrás eu ainda ficava com meninos. Como eu estudo no Rio Grande do Sul, em clima de alternância, um curso conquistado pelos movimentos sociais, principalmente o MST, quando acabou mais uma etapa do curso, retornei para o Paraná na casa dos meus pais, e acabei por conhecer uma guria, que me chamou muito a atenção. No começo tentei fugir desse sentimento que estava me tomando, não conseguia cair em mim e ver o que estava acontecendo comigo, mas estávamos cada vez mais próximas, e meus sentimentos por ela foram crescendo numa intensidade, que nem eu mesma consigo explicar. Eu fui mesmo aceitar que eu estava mesmo gostando dela, pelo fato de nos dias que não nos falávamos parecer faltar algo. Com os sentimentos, cada vez mais fortes, senti vontade de ficar com ela, mas só fiquei por intervenção de terceiros, porque se fosse para eu chegar não estaria com ela hoje. Mas tudo pareceu muito estranho para mim, não por ela ser uma menina, mas pelos meus sentimentos estarem mais fortes por ela. Assumi-me primeiro para mim mesma, que eu estava gostando de uma menina, e depois contei para meus pais, pois apesar de eu ser uma menina maior de idade, isso é um assunto bem delicado de se conversar. Criei coragem e expus meus sentimentos para eles, o que não foi nada fácil para ninguém, mas eu sabia que isso era o melhor a ser feito. Meus pais, no começo, ficaram *meio assim*, estranhos com a situação, mas ao passar dos dias, e com as várias conversas que tivemos, foram, não digo aceitando minha opção de namorar uma menina, mas se conformaram com minha escolha. Sinceramente, quando decidi namorá-la, não estava nem aí para a opinião das pessoas, mas é um processo muito complicado de aceitação, inclusive por parte dos parentes. Eu queria era que todos soubessem, mas que também procurassem me entender, mas nada é como queremos realmente, e sofri bastante psicologicamente, quando uma tia minha ficou sabendo. Ela dizia o que eu tinha na cabeça, se eu estava louca de me expor assim, e de como meu pai se sentiria em saber e lembrar que tem uma filha homossexual, mas nada disso foi tão forte, quanto ela me dizer que eu estragaria a imagem de dirigente de um movimento social, que é conhecido por muitos. Mas o que me deixou feliz foi quando minha bisa de 104 anos, me perguntou numa visita na casa dela, se eu estava namorando e disse que sim e expliquei que era uma menina, e ela não me questionou, não me criticou, não agiu com preconceitos. É incrível como as pessoas mais antigas tem um pensamento mais aberto, que pessoas que tem um maior conhecimento sobre o assunto. Meus amigos do curso acharam uma mudança bem radical da minha parte, pois nunca tinha

falado sobre isso, até mesmo porque, até então, isso não havia despertado dentro de mim. Não houve muitas críticas ou preconceitos, pelo contrário. Só em alguns momentos, em debates em grupos, houve uma espécie de discussão por parte de alguns machistas e homofóbicos, onde não foi diretamente para mim, mas eu tomei as dores. Mas hoje, depois de praticamente um ano que estamos juntas, meus amigos agem naturalmente como se fôssemos um casal "normal". Hoje estamos juntas, vencendo as barreiras do preconceito, mas com o tempo descobri que o que eu sinto por ela é um sentimento verdadeiro, eu a amo, e teria cometido o maior erro da minha vida, se eu tentasse matar esse sentimento aqui dentro de mim. Não me arrependo por nada que eu fiz e estou disposta a continuar seguindo meus sentimentos. Cada pessoa é um ser único, devemos respeitar esse fato. Todos nós somos diferentes, pensamos diferente e temos limites diferentes para cada situação. Devemos procurar usar da sensibilidade para perceber o outro, sentir suas possibilidades, seu momento de vida, suas dores, seus desejos. Devemos ser nós mesmos, seja qual for a circunstância, e não devemos nos reprimir com medo do que vão pensar a nosso respeito.

Debora

Tenho 19 anos de idade e moro no norte do Paraná no município de Ortigueira.

Sou acampada no acampamento Maila Sabrina, da brigada Che Guevara há aproximadamente três anos e seis meses. Estudo em Laranjeiras do Sul, na Universidade Federal da Fronteira Sul UFFS onde faço curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências Sociais e Humanas

Sou do setor de formação humana e também faço parte da juventude do acampamento onde moro. Contribuo com o setor de agitação e propaganda do grupo de batucada da região norte do Paraná.

Morei durante 13 anos em uma comunidade Guarani, localizada perto da cidade de Mamborê- PR. Nessa vila, minha família era composta por cinco irmãs, todas meninas, meu pai e minha mãe na mesma casa.

Sempre moramos no campo e eu estudava no período vespertino. Procurava não faltar as aulas, mas tinha dias que preferia não comparecer, pois sofria muito preconceito com a cor da minha pele e tinha vários apelidos como: carvão, fuminho, Saci Pererê, nega preta, piche etc., apelidos esses que me deixavam sem a menor vontade de ir para a escola. Esse preconceito com a minha cor durou quase toda minha vida escolar.

Minha mãe, Jandira, era quem me dizia para não me importar para o que os outros diziam da minha cor. Ela procurava me amparar e mostrar a igualdade entre todos os seres humanos. Meu pai, Francisco, vivia indo na escola, tentava sempre resolver as situações do preconceito e das opressões que eu sofria, mas não adiantava muito pois, logo que ele virava as costas, iniciavam novamente. Cheguei a agredir fisicamente as pessoas que me agrediam verbalmente. O que me motivava a ir à escola eram as aulas de educação física, que eu esquecia dos problemas e me dedicava ao meu esporte favorito, o futebol. Após a aula eu descia para casa e ia jogar bola, brincar de buliquinhas com os colegas da vila e no final da tarde, seguia minha rotina de vida que era banho, janta e dormir.

Sempre participei de projetos escolares em contra turno, como por exemplo, de esportes. Nesses momentos as meninas me olhavam de uma forma estranha, devido meu modo de comportar e de vestir, pois sempre usei roupas masculinas e não ligava muito para aparências. Então elas me questionavam:

– Por que você não usa roupas femininas?

– Tira esse boné!

_ Você é menina! Não pode se comportar como menino?

Entretanto, esses comentários só me deixavam com mais dúvidas sobre minha sexualidade.

Mais tarde, minha irmã mais velha se casou e foi morar na cidade, em Mauá da Serra/PR. Ela aconselhou meus pais a morar na cidade, devido às situações de vida. Planejamos e conseguimos ir para cidade e lá a vida mudou muito. Achávamos que a situação tivesse melhorado, mas não melhorou, pois acabou piorando... fomos morar em um lugar que não podíamos plantar para nossa subsistência e na cidade tudo é mais caro e difícil. Comecei a estudar á tarde e nos feriados e finais de semana ia trabalhar distribuindo jornais para os mercados. Também fui trabalhar para os grandes latifundiários que tinha ao redor da cidade, colher cenoura e, muitas vezes, limpar a casa dos vizinhos idosos.

Comecei a sair e foi na cidade que tive os primeiros contatos com pessoas homossexuais. Foi onde me descobri e logo me assumi lésbica. Minha mãe me questionava muito, pois sempre foi religiosa e não entendia isso como normal da vida. Para ela, isso era estranho, mas não me criticou muito, pois já desconfiava da minha sexualidade. Não foi fácil para minha família, mas não tão difícil também. Meu pai nunca questionou sobre minha sexualidade. Com relação às minhas irmãs, estas questionaram, mas logo aceitaram tranquilamente. O maior preconceito não estava na minha família e sim, nas pessoas de fora. No entanto, para mim o que importava era o que minha família pensava.

Nesse ínterim, começamos a ter dificuldades na cidade para pagar o aluguel, a luz, a água e para colocar comida em casa. Foi então que decidimos ir para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um povo que também sofre de muito preconceito pela maioria das pessoas da cidade.

Saímos no mês de abril e fomos morar no acampamento. Lá comecei a estudar e vi que era uma forma melhor de aprender, pois compreende a realidade de cada sujeito do campo e entende também os sujeitos da cidade e aprendemos com a nossa própria realidade. E quando completei dezesseis anos, fiz meu cadastro e comecei a participar das instâncias e setores, a sair para viagens de mobilizações e formações, juntamente com os demais companheiros do acampamento.

Recordo que nessas saídas pelo Movimento, houve várias situações ruins. Recordo-me de quando fui para Brasília-DF. Eu estava no encontro e ao fim da tarde fui tomar banho e, ao entrar no banheiro, as mulheres que estavam lá começaram a gritar e me agredir verbalmente para eu sair de lá achando que eu era um menino. Sai e esperei todas tomar banho e depois fui tomar meu banho. Durante todos os dias do encontro tive dificuldades para realizar minha higiene. Colocaram até uma disciplina para me tirar do banheiro.

Com relação aos meus estudos, conclui o Ensino Médio na Escola Itinerante Caminhos do Saber e já fiz o vestibular para entrar para o Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Passei, fiz a matrícula e já vai completar dois anos que estou cursando. Meu objetivo é concluir o curso e trabalhar no campo, com as realidades do campo. E lutar pelo direito LGBT, e direito dos negros que vivem na opressão e no preconceito.

Hoje sou militante do MST, estudante e feminista. Procuro sempre conhecer meus direitos enquanto negra, lésbica e Sem Terra, mesmo havendo muito preconceito por não me encaixar nesse sistema do patriarcado. Luto pelos direitos humanos e pelo direito de amar, e de ser o que quisermos ser.

HOMOFOBIA

No campo e o ser Gay nesse espaço

Historicamente, o campo sempre foi marcado por relações sociais e culturais profundamente arraigadas em padrões morais ditados por uma religiosidade patriarcal, machista e heteronormativa, fortalecidos por papéis binários nítidos e absolutos: macho é macho e por isso é o chefe da casa, "o homem da roça", "pai de família". A mulher ajuda na plantação, mas seu papel é mesmo servir ao marido, cuidar da casa, das crianças e das galinhas.

A cultura do "homem do campo forte e viril" sempre foi marcada por profundas relações de opressão sobre as mulheres e supervalorização do homem, com a defesa do ser-macho e ser-mulher como sendo determinações divinas, com papéis bem definidos. (SOUSA, 2014)

Com a negação histórica do direito ao acesso à educação formal, uma marca dos muitos governos que passaram pelo Estado brasileiro, certa "cultura de ignorância" foi relegada ao povo camponês. Sendo assim, o ser rústico, bruto, macho, valente, ativo e heterossexual, sempre atribuído ao homem do campo como norma moral, divina e cultural, tem fomentado a opressão e violência contra as mulheres e todos/as que não correspondam a esses padrões, incluindo os homossexuais. No outro lado da mesma moeda, é negado também ao homem do campo a sensibilidade às diversas formas de amar e de sentir prazer. Isso acontece, de acordo com Sousa (2014) porque a norma que impera no campo é a heterossexualidade normativa arraigada de machismo e, consequentemente, de homofobia. Ou seja, um sistema de relações sociais e culturais em que não cabem a diversidade humana, muito menos a sexual.

As mudanças que levam à liberdade, ainda têm sido vistos por alguns camponeses como modismo da cidade e do povo pecaminoso, imoral, tomado por modernismo diabólico e que "não tem Deus no coração".

Por mais que nos cause estranhamento, o campo descrito mais parece o campo no período feudal. É certo que já se verificam muitos avanços com relação ao acesso ao conhecimento, com as transformações culturais, com o acesso à comunicação e à cultura de massa e com a atuação dos movimentos sociais e sindicais, também cada vez mais, ao menos em termos culturais, a superação da disparidade entre campo e cidade tem diminuído. Porém, não dá para negar que o machismo, a homofobia e o racismo ainda imperam fortemente no campo, mais que nas cidades, e isso, evidentemente, não por culpa dos camponeses, mas devido a uma questão estrutural de um sistema patriarcal que se reproduz fortemente no campo, colocando-nos um grande desafio no que tange ao processo de superação dessa realidade. Sem contar que as questões da opressão estão associadas a problemas estruturais existentes no território camponês. É dessa forma que a necessidade da Reforma Agrária, de políticas públicas de qualidade (saúde, educação, produção, cultura etc.) exerce influência na força do patriarcado como sistema de dominação no campo.

A ideia dominante diz que a população do campo é heterossexual e binária (homem x mulheres, masculino x feminino), como se fossem papéis bem encaixados e "normais", ao ponto de não se conseguir enxergar um gay afeminado, lésbicas, travestis e transexual como camponeses e camponesas, ou até não enxergar um gay masculino, "com jeito de homem", como gay ou bissexual. É muito mais fácil ver com certa "naturalidade o sexo com animais (jumenta, cabras etc.) do que o amor e o sexo entre pessoas do mesmo sexo". Isso reflete a visão heteronormativa e homogênea que temos sobre o campo. (SOUSA, 2014)

O campo é heterogêneo na sua orientação sexual, na sua identidade de gênero, na sua cor, no seu sexo e a afirmação dessas identidades não pode negar a nossa origem e identidade de camponês e camponesa. Os camponeses e as camponesas também são gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, é só olhar para as comunidades rurais, indígenas, da praia, ribeirinha, da floresta, é só olharmos para os milhares de assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária, das centenas de reassentamentos de atingidos e atingidas por barragens. Será que esses sujeitos políticos são apenas heterossexuais e estão bem encaixados no ser-mulher e no ser-homem? É claro que não! Assim pode se dizer, de acordo com Sousa(2014), o campo é diverso, e a sexualidade se apresenta de forma diversa e transgressora da normatividade que impera e se reproduz em suas relações, padronizando, portanto, em nome da normalidade, as comunidades. Ou seja, a diversidade sexual está no campo, ainda que voluntária ou involuntariamente a invizibilizemos.

A homofobia de uma forma geral se trata de aversão, ódio, fobia a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais ou qualquer sujeito que não se enquadra na ordem heteronormativa. (Ver mais sobre homofobia na parte 3 desse trabalho no verbete homofobia).

No campo, a homofobia se fortalece na opressão a partir de uma ideia de que o meio rural é "lugar de mulher séria e homem trabalhador" e de que atividades camponesas são atribuídas ao macho do campo, homem que não chora, que tem é "sangue no olho", que é ativo, o "galo do terreiro", o grande patriarca. Numa realidade como essa, em que a homofobia, assim como o machismo, é parte da cultura e que se misturam com o "jeito de ser camponês" e com o "jeito de crer do camponês", quando se associa a uma religiosidade reacionária e conservadora, é muito mais difícil ser gay, lésbica, bissexual ou, o que é ainda mais agravante, ser travesti ou transexual, afirmando uma identidade de gênero que nega o corpo biológico que "Deus deu".

O processo de assédio moral, violência emocional, psicológica e física, principalmente na família, é pior no campo do que na cidade e a condição de segregação é alarmante. Não é à toa que a maioria da diversidade sexual que mora no campo migra para os grandes centros urbanos para poder viver e expressar sua sexualidade e lá, deparando-se com uma realidade semelhante, acaba sendo marginalizado e tendo apenas a prostituição ou o mundo do crime como alternativas. O mercado de trabalho também pode estar acessível, mas para aqueles empregos tidos como próprios para gays e mulheres (doméstica, maquiadora, cabelereira etc.). São ocupações dignas, mas restringe as possibilidades e expressam o grau de discriminação e de negação de direitos entranhados contra a Diversidade Sexual.

É óbvio que a homofobia no campo é um processo de construção social e cultural. O capitalismo, ao superar o regime feudal, a mantém para que sirva a seus interesses de dominação e exploração. O mundo rural sempre teve como centro a figura do homem hétero, branco e másculo, expresso no senhor do feudo, no fazendeiro, coronel, no senhor de escravos, no chefe da casa, da família, no chefe das mulheres e dos filhos, no centro da celebração religiosa e até mesmo na linguagem, como "o homem, filho do homem, que morreu pelos homens".

A classe trabalhadora camponesa, para além de se enxergar como classe, é preciso se enxergar como gente, que não precisa somente se libertar da exploração econômica, mas também cultural, sexual e ideológica. Reconhecer que há homofobia no campo e que há diversidade sexual é também tarefa da classe e, portanto, estas pautas têm que ter suas lutas visibilizadas, legitimadas, de forma que a luta contra a homofobia passe a ser da classe e não apenas dos LGBTT, fortalecendo seu caráter anticapitalista. Isto é um desafio da cidade e também do campo.

Verbetes

A compreensão de alguns conceitos da diversidade sexual é a melhor forma de romper com o preconceito e o desrespeito ao "diferente" é o conhecimento, sendo acessado por meio da escola, movimentos e organizações da sociedade.

Antes de entrar na conceituação em si, é importante compreender que esse debate precede a compreensão do ser humano como todo, um ser integral que é constituído pela parte biológica, cognitiva, emoções e uma delas é sexual e sentir atração por pessoas do sexo oposto (heterossexualidade), é o comportamento esperado pela sociedade em geral. No entanto, alguns sentem atração por pessoas do mesmo sexo (homossexualidade), que embora menos frequente, não é assim tão incomum.

O ser humano se apresenta como um ser de relações que necessita amar, ser amado, interagir com pessoas, construindo uma autoimagem positiva, que lhe permita potencializar sua capacidade de sentir, ter prazer, sorrir, dar, compartilhar e receber, aprendendo a respeitar-se, ser respeitado e respeitar o outro, conviver e participar na sociedade. Mas acima de tudo, o ser humano precisa se desenvolver como humano, desenvolver todas as suas dimensões humanas e principalmente poder criar.

Existe um conjunto de categorias e identidades que compõe um conceito de diversidade sexual que vamos apresentar em verbetes, são os seguintes: Sexualidadade, Gênero, Homossexualidade, Gay, Lésbica, Bissexual, Travesti, Transexual, Transgênero, Dreq Queen, Feminismo, Machismo e Homofobia.

Sexualidade : é definida como um conjunto de descobertas, crenças, práticas, escolhas, fantasias, e experiências relacionadas ao ato sexual construído ao longo da vida dos indivíduos. Este se encontra recoberto por valores morais, que são determinados por comportamentos e costumes sociais que dizem respeito ao coletivo.

De acordo com padrões sociais, todo indivíduo ao nascer é macho ou fêmea, a sociedade é que os molda como homem ou mulher. O ser humano nascido fêmea terá que percorrer um caminho para se tornar mulher, assim como podemos remeter essa mesma teoria ao macho que irá trilhar seu caminho para se tornar homem. Portanto, a sociedade recrimina tudo que não se encaixe dentro destes moldes. Mas, como poderemos situar o indivíduo que mesmo nascendo macho possui uma orientação feminina, ou então, ao nascer fêmea adota um comportamento masculino? Teremos assim um grupo denominado homossexuais, que saem dos moldes orientados pela cultura que vivemos, e adentram outra perspectiva que causa espanto e preconceito.

Gênero: Conceito formulado nos anos 1970, com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

Homossexualidade: Significa "sexo igual" podendo ser aplicado tanto para homem que se relaciona com homem, quanto para a mulher que se relaciona com mulher. O termo homossexual foi criado em 1869, pelo jornalista húngaro Benkert, e esta expressão foi bem aceita entre os indivíduos participantes do grupo. Existem muitos outros termos como "gay" que significa "alegre", "invertido" e "bicha", contudo, são considerados como pejorativos por indivíduos do grupo.

Ainda hoje alguns indivíduos taxam a homossexualidade como uma doença mental, porém, em 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da lista dos desvios sexuais, e em 1999, o Conselho Nacional de Psicologia confirmou a normalidade da orientação homossexual. Esta intolerância ao indivíduo que demonstra comportamento homossexual é denominada como homofobia, ou seja, aversão doentia contra a homossexualidade.

Em 1973, os Estados Unidos retirou "homossexualismo" da lista dos distúrbios mentais da American Psychology Association, passando a ser usado o termo Homossexualidade. Em nove de fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina aprovou a retirada, no Brasil, da homossexualidade do código 302.0, referente aos desvios e transtornos sexuais, da Classificação Internacional de Doenças.

Em 17 de maio de 1990, a Assembleia Mundial da Saúde aprovou a retirada do código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde. A nova classificação entrou em vigor entre os países-membro das Nações Unidas a partir de 1º de janeiro de 1993.

Em 1999, o Conselho Federal de Psicologia formulou a Resolução 001/99, considerando que "a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão", que "há, na sociedade, uma inquietação em torno das práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente" (qual seja, a heterossexualidade), e, especialmente, que "a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações". Assim, tanto no Brasil como em outros países, cientificamente, homossexualidade não é considerada doença. Por isso, o sufixo "ismo" (terminologia referente à "doença") foi substituído por "dade" (que remete a "modo de ser").

Gay: Ser "gay" não é exatamente ser afeminado, e nem lésbica tem que ser necessariamente uma "machona". A aparência externa nem sempre traduz as intenções do indivíduo. Essa terminologia se refere a homossexuais do sexo masculino: No grupo dos "gays" existem subgrupos: "enrustidos" que são indivíduos que não assumiram sua orientação perante a sociedade, "gays assumidos" que assumiram sua posição diante da sociedade; dentre os "assumidos" temos os "assumidos ativistas" ou "militantes" que defendem seus direitos e o direito do grupo através de reivindicações e protestos.

Lésbica: Mulher que é atraída afetivamente e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas.

Bissexual: Bissexualidade é uma orientação sexual que envolve a atração física e/ou romântica para indivíduos de ambos os sexos. Bissexualidade é o sentido pelo qual a pessoa alcança a satisfação sexual e emocional, com membros de ambos os sexos. Bissexualidade é uma orientação ao longo da vida, enquanto lidar com ambos os sexos. Ambos os homens e as mulheres podem ser bissexuais. Ou seja, um homem pode ficar com mulher ou outro homem e uma mulher pode ficar com homem ou mulher.

Travesti: Travesti é uma pessoa que não se identifica com o gênero biológico e se veste e se comporta como pessoas de outro sexo. É um homem que se veste como mulher, se comporta como mulher e se sente mulher ou o contrário, uma mulher que se veste, comporta e age como se fosse um homem. Essas pessoas, infelizmente, ainda enfrentam muito preconceito da sociedade.

Transexual: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais).

Transgênero: São pessoas que transitam entre os gêneros, cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade. Inclui todos os indivíduos que assumem o papel do gênero oposto, como por exemplo, o indivíduo do sexo masculino assumir-se enquanto mulher, vestindo-se como tal, em certos casos colocando silicone, e adotando características taxadas como femininas para a sociedade. Os também chamados "travestis", em certos casos, fazem shows em casas noturnas, ou dedicam-se a profissões que remetem ao "universo feminino", contudo, não negam seu órgão genital, o pênis ou a vagina são motivo de orgulho, e até mesmo, no caso do sexo masculino, desempenham papel ativo na relação.

Drag Queen: Homem que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos. Uma drag queen não deixa de ser um tipo de "transformista", pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas, a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero. Chama-se Drag Queen o homem que se veste com roupas exageradas femininas estilizadas, e drag king a mulher que se veste como homem. A transformação em drag queen (ou king) geralmente envolve, por parte do artista, a criação de um personagem caracteristicamente cômico e/ou exagerado.

Drag queens ou Drag kings são artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com o intuito geralmente profissional artístico. Na maioria das vezes, apresentam-se em boates e bares LGBT, embora haja drags que façam eventos para público misto e heterossexuais, como animação em festas de casamento, debutantes, formaturas etc. Muitas fazem também correio elegante ou correio animado, levando mensagens de amor ou felicitações com performances características.

O termo drag queen é uma gíria que surgiu por volta de 1870, tanto no mundo gay quanto no teatro. E quem pensa que aqueles homens vestidos de mulher de forma exagerada se assemelham à "rainha dos dragões" numa abreviatura de "dragons" e uma relação com sua feiura pode até ter uma certa lógica. Mas, está longe das hipóteses que explicam a origem da expressão. Na verdade, drag não tem nada a ver com dragon. Alguns entendem que a expressão parte do significado de "drag", que em seu sentido mais amplo quer dizer vestir qualquer roupa que tenha um significado simbólico, como roupas apropriadas ao gênero: vestir-se de mulher ou de homem. Outros defendem que, na verdade, "drag" seria uma sigla para "dressed as girl" (vestido como menina). Em contrapartida, existiriam os "drab" - "dressed o boy" -, mas essa nunca pegou.

Machismo: é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. O machista é o indivíduo que exerce o machismo. Em um pensamento machista existe um "sistema hierárquico" de gêneros, onde o masculino está sempre em posição superior ao que é feminino. Ou seja, o machismo é a ideia errônea de que os homens são "superiores" às mulheres.

Homofobia: a homofobia tem seu berço no sistema patriarcal, machista, racista e vende a heterossexualidade como norma e padrão, supervalorizando o homem e colocando a "masculinidade" como central na sociedade e fomentando assim a opressão contra as mulheres e a diversidade sexual, principalmente a pobre, operária, camponesa e negra. Isso dá sustentação à exploração capitalista sobre estes sujeitos e se reproduz de forma ideológica e cultural nas relações humanas. Estes valores se assentam, como já falamos, no binarismo, na ideia de família, de moral, de normalidade, tendo como seus principais reprodutores e defensores a religião (principalmente as cristãs, judaica e árabe), a família, a escola, os meios de comunicação, entre outros.

A homofobia persiste porque na maior parte das vezes os indivíduos não conhecem a respeito de sexualidade. Já ficou provado que a homossexualidade não é uma opção sexual e sim uma orientação sexual, ou seja, ninguém decide ser homossexual, mas, já "nasce assim".

A homofobia no Brasil é responsável por mais de 200 assassinatos por ano, sem falar na violência moral, emocional, psicológica, como os bullings homofóbicos, responsáveis por um número significativo da evasão escolar de alunos e alunas LGBTT, colocando-os numa situação de marginalização e de risco. É preciso contabilizar também a violenta negação de outros direitos humanos e civis à Diversidade Sexual, como o casamento, direitos previdenciários, políticas de saúde igualitária, direitos trabalhistas, direitos sociais, a criminalização e a punição da homofobia e o respeito e a garantia de direitos igualitários em relação aos heterossexuais, entre outros.

Na maioria das vezes o preconceito vem exatamente de um conceito mal formulado na mente dos indivíduos, sendo apenas reproduções de ideias que os acompanham desde o nascimento. Prova dessa reprodução, são piadas preconceituosas a respeito de homossexuais que atravessam gerações e somente tem sentido para aqueles que estão condicionados por um pensamento alienado.

MINHA VIDA

Como já contei na página 5, a homossexualidade no campo é sinônimo de invisibilidade ou preconceito e a minha trajetória de vida revela a experiência com ambas.

Quando fui estudar no Colégio Iraci Salete Strozak, construí novas amizades, que foram muito importantes, pois passei a confidenciar que sentia atração por meninos e tinha amigos que me apoiavam. Também passei a participar de coral, teatro e cursos de formação do MST, que foram importantes no processo de formação e busca pela afirmação de minha orientação sexual.

Na minha adolescência vivenciei experiência homossexuais, que foram motivados pelo desejo, curiosidade, pela busca do que realmente era, algo que me fazia bem, porém sempre após ter relações me sentia sujo, pois como frequentava a igreja isso era considerado um pecado, era abominável. Cada relação sexual com algum amigo, sofria duas condenações: do subconsciente, o peso na consciência por achar que estava fazendo uma coisa errada e a condenação da sociedade, que se expressava na chacota dos vizinhos, repulsa por parte de colegas. Neste sentido eu me sentia como se eu fosse um ser estranho, eu não me aceitava, porque eu era assim não queria ser assim, então eu chegava em casa me trancava no quarto e chorava. Nos finais de semana não gostava de sair de casa, às vezes até pensava em ir à comunidade, porém para evitar comentários, preferia ficar no meu quarto lendo, vendo filmes etc.

Por essa relação com a igreja, com grupos de jovens, em 2000 fui estudar e viver no seminário Xaverianos em Londrina, local onde vivi por três anos, cursei o ensino médio e tive a formação religiosa, mas também tive aulas particular de português, matemática para superar a defasem de ensino. Nesse período foi importante por que pude estudar, ampliar horizontes, viver numa cidade grande como Londrina, conhecer experiências de religiosos de outros países, fiz ações de caridade nas periferias, de certa forma esse período no seminário era uma fuga de minha sexualidade.

Em 2004, saí do seminário e voltei a morar com meus pais no assentamento e decidi ir acampar no acampamento Jose Abílio dos Santos, em Quedas do Iguaçu, onde comecei a atuar no Setor de Educação do MST, na organização da Escola Itinerante e desde essa prática, fui fazer o curso de Pedagogia Para Educadores do Campo, em Francisco Beltrão, na UNIOESTE,. Com acesso ao conhecimento fui afirmando minha orientação sexual, me compreendendo como ser humano, gay que gosta de homem. Também foi nesse período que vivenciei meu primeiro amor, uma paixão muito forte, correspondida, não era publicamente assumido, mas, pude sentir desde o olhar, trocas de afeto, cuidado que ocorria dentro de quatro paredes.

Quem é Pricila Stefany?

Priscila Stefany nasceu a partir de uma necessidade de falar, discutir os preconceitos que permeiam nosso meio, e mostrar a diversidade que existe na sexualidade dentro do nosso movimento Sem Terra.

Sempre teve homossexuais, drag queen, travestis, lésbicas, porém não se falava, não se mostrava e não se apresentava. Então , eu, Edenilson Prestes Mendes, resolvi criar um personagem que pudesse dançar, dublar, apresentar performance com bailarinos ou não. Que pudesse expressar, falar, declamar,

gritar os preconceitos sofridos, vivido e sentido.

Priscila Stefany teve sua estreia, sua primeira apresentação no CEPAT, casa do Trabalhador, em Curitiba/Paraná, no curso de panificação, que estava acontecendo nesse centro de formação. Quem estava fazendo o curso eram senhoras mulheres Sem Terra acampadas e assentadas.

Quando recebi o convite para ir em uma noite cultural prestigiar a formatura destas companheiras então foi aí que me montei, me transformei em Priscila Stefany. A minha chegada foi anunciada e eu entrei linda, bela e maravilhosa, toda sorridente, dublei uma música a qual não lembro o nome. Quando terminei a apresentação fui aplaudida, logo após os aplausos, comecei a falar sobre toda forma de preconceito que eu já sofri em minha vida.

Algumas pessoas aplaudiram, outras choraram, outras se emocionaram e várias vieram até mim e perguntaram se poderiam me dar um abraço. Então, aí surgiu, nasceu a Priscila Stefany.

MERECEMOS SER RESPEITADAS E RESPEITADOS!

CHEGA DE PRECONCEITOS!

Indicações de Curtas

Hoje eu quero voltar sozinho

Leo é um adolescente cego que, como qualquer adolescente, está em busca de seu lugar. Desejando ser mais independente, precisa lidar com suas limitações e a superproteção de sua mãe. Para decepção de sua inseparável melhor amiga, Giovana, ele planeja libertar-se de seu cotidiano fazendo uma viagem de intercâmbio. Porém, a chegada de Gabriel, um novo aluno na escola, desperta sentimentos até então desconhecidos em Leo, fazendo-o redescobrir sua maneira de ver o mundo novo para a vida dele.

Treze minutos ou perto disso

Depois de um bom papo, dois caras se relacionam e, após o sexo, tentam entender o porquê de terem ficado tão à vontade com a experiência, totalmente nova para ambos.

O curta americano, filmado em um único ambiente e contando apenas com o diálogo entre os dois personagens, explora a resistência do ser humano em reconhecer o novo como sendo natural (e até mesmo prazeroso).

Indicações de filmes

Uma oração para Bobby

O filme é uma produção norte americana, com direção de Russell Mulcahy, que traduz a realidade de inúmeros jovens que passam por problemas diante de sua escolha sexual. A atriz Sigourney Weaver interpreta a mãe religiosa que segue à risca todas as palavras contidas na bíblia. Quando Bobby, seu filho do meio, revela ser gay, ela imediatamente o leva para se tratar através de terapias e cultos religiosos com intuito de "curá-lo" , o que os leva a um futuro repleto de surpresas. A produção foi baseada em fatos reais.

Milk - A Voz da Igualdade:

Dirigida por Gus Van Sant, o filme é uma cinebiografia de Harvey Milk, o primeiro gay assumido a alcançar um cargo público importante nos Estados Unidos.

The Birdcage - A Gaiola das Loucas

Armand e seu companheiro, Albert, são pais adotivos de Val. Quando o jovem se apaixona por Barbara e decide se casar, enfrenta o preconceito contra seus pais na família da moça.

Tomboy

Laure é uma garota de 10 anos que acaba de se mudar com a família para uma cidade do interior. Com cabelos curtos e roupas largas, ela se apresenta a seus novos amigos como Mikael.

Morrer como um Homem

O drama de Morrer como um Homem está registrado no próprio título do filme. Tonia é uma travesti veterana, que se vê ameaçada pelas colegas mais novas, recebe a visita do filho que abandonou, descobre estar doente e é pressionada pelo namorado que quer que ela faça a cirurgia para mudar de sexo. A protagonista se vê acossada pelo mundo e em crise com sua fé, que a faz acreditar que sempre será um homem aos olhos de Deus. O dilema da personagem, o de sacrificar sua essência em prol do amor, a levará para uma espécie de floresta encantada onde as coisas podem se resolver definitivamente ou não.

Má Educação

O filme de Pedro Almodóvar apresenta Enrique Goded, um cineasta que passa por um bloqueio criativo e está tendo problemas em elaborar um novo projeto. É quando se aproxima de Ignacio Rodriguez, seu amigo mais íntimo e o primeiro amor da sua vida.

Minha Vida em Cor-de-Rosa

Ludovic é um garoto de 7 anos que tem apenas uma certeza na vida, a de que estaria prestes a se transformar numa menina. Diante de um destino tão empolgante quanto inevitável, Ludo não se priva de testar os modelitos que vai usar nessa nova fase para o choque dos vizinhos e o desespero dos pais. Conto singelo sobre o despertar da identidade sexual.

Transamérica:

Bree é uma transexual de Los Angeles que juntou muito dinheiro para fazer a última operação que vai transformá-la definitivamente em mulher. Até que um dia ela recebe um telefonema de um jovem preso em Nova Iorque que está à procura do pai.

Senhoritas de Uniforme

A história do cinema nem sempre é exata, mas Senhoritas de Uniforme teria sido o primeiro filme de que se tem notícia a ter uma trama que não apenas aborda, mas simpatiza com o lesbianismo. O filme, adaptado de uma peça de teatro, se passa num internato para moças e não tem nenhum personagem masculino. Manuela é uma órfã que se apaixona perdidamente por uma das professoras, que, na cena mais famosa do filme, lhe dá um beijo de boa noite na boca. Leontine Sagan se aproveitou de um intervalo de liberdade numa Alemanha que abraçaria o nazismo (e proibiria o filme) pouco depois e o longa correu o mundo, ganhando prêmios, fazendo história e dando ideias.

Almas Gêmeas

O filme mais complexo de Peter Jackson não tem hobbits ou elfos, mas tem Orson Welles em O Terceiro Homem, na mesma fuga incessante que as protagonistas de Almas Gêmeas, Juliet e Pauline. A primeira, de uma intensidade quase insuportável, acaba de se mudar da Inglaterra para a Nova Zelândia, onde conhece a outra, que vive isolada e sem amigos. As duas se aproximam, se apaixonam e ficam inseparáveis, precisando se refugiar dos problemas mundanos e da perseguição dos pais na ficção. Kate Winslet e Melanie Lynsky, ambas estreando no cinema, estão nos papeis de suas vidas.

Minhas Mães e Meu Pai

Nic e Jules vivem na Califórnia com seus dois filhos, agora adolescentes, frutos de inseminação artificial. Porém, a vida dessa família vira de cabeça para baixo quando os filhos decidem ir atrás do pai biológico.

O Segredo de Brokeback Mountain

Jake Gyllenhaal e Heath Ledger protagonizam o drama gay assinado por Ang Lee. Eles são Jack e Ennie, dois jovens que se conhecem no verão de 1963, após serem contratados para cuidar de ovelhas em Brokeback Mountain. Jack deseja ser cowboy, enquanto Ennie pretende se casar com Alma.

Priscilla, A Rainha do Deserto

Duas drag queens e uma transexual são contratadas para um show em uma pequena cidade do deserto australiano. Elas partem de Sidney a bordo de Priscilla, um ônibus decorado.

Drague Queen de Werles

Após vencerem uma competição em Nova York, Noxeema Jackson (Wesley Snipes) e Vida Boheme (Patrick Swayze) se qualificam para a Drag Queen of America, que ocorrerá em Hollywood. Um de seus concorrentes é o ingênuo e inexperiente Chi Chi Rodriguez (John Leguizamo), que consegue convencer Vida e Noxeema a deixar de lado a ideia de viajar de avião para partir em uma aventura a bordo de um Cadillac conversível. Só que o estilo de vida deles pode ser bem aceito em grandes cidades como Nova York e Los Angeles, mas não é bem visto no interior dos Estados Unidos. Quando o carro do trio quebra na pequena cidade de Snydersville, eles precisam vencer a resistência inicial e conquistar a confiança dos habitantes locais. A situação piora ainda mais devido à presença do xerife Dollard (Chris Penn), que é bastante homofóbico e racista.

Para saber mais:

GENTLE Ivanida Matias, ZENAIDE Maria de NazaréTavares, GUIMARÃES Valéria Maria Gomes (Orgs) Gênero, Diversidade Sexual e Edcuação - João Pessoa : Editora Universidade da UFPB, 2008

MARTINS, Ferdinando et al. Manual de comunicação LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Paraná: Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda. s/d, 2009.

Ministério da Saúde, Relatório do I Seminário Nacional de Saúde LGBT, Brasília - DF – 2015.

MST. Diversidade Sexual no MST – Elementos para o Debate – Cartilha MST - 2016.

PARANÁ. Sexualidade - Cadernos Temáticos da Diversidade, Curitiba: SEED/PR, 2009.

QUADRADO Raquel Pereira, MAGALHÃES Joanira Corpes (orgs). TEENcontrei - onde a gurizada se encontra - Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

Sites:

7º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. Disponível em: www.Igualdadedegenero.cnpq.br. Brasília 2012.

Bandeira Arco-íris. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_arco-%C3%ADris

Significado das cores LGBT. Disponível em: http://noticias.ne10.uol.com.br/mundo/noticia/2016/06/28/conheca-o-significado-das-cores-da-bandeira-lgbt-623015.php

Cores da Bandeira LGBT. Disponível em: http://www.lgbt.pt/cores-bandeira-lgbt/

Preconceitos em sociedade: homossexualidade. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/artigos/preconceitos-em-sociedade-homossexualidade

Produção e Edição: Edenilson Prestes Mendes
Diagramação: Eduardo Maciel Ferreira
Edição 8 do Boletim Informativo da Educação do Campo—
Movecampo, em abril de 2017.
Apoio: Laboratório de Educação do Campo—Unicentro, Guarapuava/PR— Tiragem: 1000 cópias